

Mirtes Barbosa Gomes²
Nílson Almino de Freitas³

RESUMO

A inspiração para esta pesquisa surgiu a partir da leitura do artigo de Meinig (2002), que concebe a paisagem como “natureza”; “habitat”; “artefato”; “sistema”; “problema”; “riqueza”; “ideologia”; “história”; “lugar” e “estética”. A investigação é resultado parcial da temática paisagem do patrimônio cultural da cidade de Sobral, localizada no estado brasileiro do Ceará, contando com a participação de discentes do ensino médio de duas instituições da sede do município. As escolas são as seguintes: Dr. João Ribeiro Ramos e Professor Luís Felipe. Propõe-se a produção compartilhada de conhecimento com os interlocutores, usando a imagem técnica como linguagem. As fontes de investigação são fotografias produzidas a partir de intervenção pedagógica alicerçada no método dos Círculos de Cultura, do educador Paulo Freire (1921-1997) que apregoa o protagonismo, saberes populares, aprendizado eficaz, senso crítico e autonomia. As fotografias urbanas foram captadas pelos estudantes que demonstraram sua percepção e a complementaram por escrito. Paralelamente, a pesquisadora realizou registros fotográficos que expõem seu posicionamento ao detectar possíveis variantes imagéticas que podem ou não ser distintas daquelas produzidas pelos jovens. O resultado está sendo uma percepção plural, cheia de contrastes e tensões da paisagem, envolvendo os temas propostos por Meinig (2002), relacionados à discussão sobre o patrimônio cultural.

Palavras-chave: patrimônio cultural, imagem, intervenção pedagógica, protagonismo.

ABSTRACT

The inspiration for this research came from reading the article by Meinig (2002), who conceives of landscape as "nature"; "habitat"; "artifact"; "system"; "problem"; "wealth"; "ideology"; "history"; "place" and "aesthetics". The research is a partial result of the landscape theme of the cultural heritage of the city of Sobral, located in the Brazilian state of Ceará, with the participation of high school students from two institutions in the municipality. The schools are as follows: Dr. João Ribeiro Ramos and Professor Luís Felipe. The proposal is to produce shared knowledge with the interlocutors, using the technical image as a language. The research sources are photographs produced as a result of a pedagogical intervention based on the Culture Circles method by educator Paulo Freire (1921-1997), which advocates protagonism, popular knowledge, effective learning, a critical sense and autonomy. The urban photographs were taken by the students, who showed their perception and complemented it in writing. At the same time, the researcher made photographic records that show her position by detecting possible imagery variants that may or may not be different from those produced by the young people. The result is a plural perception, full of contrasts and tensions of the landscape, involving the themes proposed by Meinig (2002), related to the discussion of cultural heritage.

Keywords: cultural heritage, image, pedagogical intervention, protagonism.

¹ Artigo baseado no projeto vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PropGeo - UECE), na modalidade doutorado, de Mirtes Barbosa Gomes, que tem como título “Imagens urbanas: leituras da paisagem de Sobral - CE”, sob a orientação do Prof. Dr. Nílson Almino de Freitas.

INTRODUÇÃO

Adota-se uma abordagem cultural da Geografia ao analisar a paisagem da cidade de Sobral, localizada no Estado do Ceará, a partir de metodologia de produção imagética com fotografia de forma compartilhada com estudantes do Ensino Médio da rede pública. O trabalho está com as fotos produzidas, o registro fotográfico de inúmeros espaços públicos e privados, impregnados de signos decodificáveis, a partir de uma observação criteriosa e sensível dos diversos olhares dos discentes. O material produzido norteia a discussão sobre patrimônio cultural da cidade que está aqui sendo pensado não mais como “legado” geracional, ou vernáculo exclusivo de um grupo, ou ainda uma expressão de uma consciência coletiva.

Toma-se o geógrafo Corrêa (2003, p. 167) para reforçar a importância de se analisar o urbano numa dimensão cultural, visto que ela envolve os aspectos sociais, econômicos e políticos situando-os no tempo e no espaço.

[...] o urbano pode ser analisado sobre diversas dimensões que se interpenetram. A dimensão cultural é uma delas. Por seu intermédio amplia-se a compreensão da sociedade em termos econômicos, sociais e políticos, assim como se tornam inteligíveis as espacialidades e temporalidades expressas na cidade, na rede urbana e no processo urbano.

Um olhar impregnado de interpretação cultural é o que se aspira ao pesquisar Sobral e sua paisagem, sua singularidade, seu conjunto arquitetônico/ histórico, suas disparidades nas edificações: algumas suntuosas e outras bem modestas. Algo visível, denotando o poderio da elite e a pobreza de muitos moradores.

Carlos (2008, p. 24), posiciona-se sobre a paisagem ao enfatizar que:

A paisagem é humana, tem a dimensão da história e do socialmente reproduzido pela vida do homem. É expressão do trabalho social materializado, mas também é expressão de um modo de vida. A desigualdade que pode ser percebida “no olhar-se a paisagem” é consequência dos contrastes decorrentes do processo de produção do espaço urbano [...].

O patrimônio cultural vai ser entendido como um conhecimento produzido sob a ótica da subjetivação da experiência cotidiana na cidade que envolve múltiplos afetos, tanto do (a) pesquisador (a), quanto dos interlocutores envolvidos como parceiros na produção das fontes

² Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professora de Ensino Fundamental e Médio. E-mail: mirtesbarbosa404@gmail.com

³ Pós-Doutor em Estudos Culturais no Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ. Bolsista de produtividade do CNPQ (PQ2) Professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia da UECE. E-mail: nilsonalmino@hotmail.com

e das análises a partir dos códigos linguísticos e conceitos que cada um domina. É uma investigação complexa do sensível, resultante do ser afetado pela experiência.

Afeto em Deleuze (1997) não representa somente expressão de sentimentos. Ser afeto remete a um movimento provocado por agências múltiplas de subjetivação no contexto de relações. É uma transformação influenciada pela experiência compartilhada entre diferentes agentes que se provocam mutuamente. Nesse sentido, ao utilizar a imagem, os sujeitos modificam o conhecimento deles, sendo o patrimônio uma construção social que parte de seus moradores.

Pensar a territorialização é incluir o esforço de desterritorialização para um investimento na delimitação do território. Haesbaert e Bruce (2002), baseados em Deleuze, vão entender a desterritorialização não só do ponto de vista geográfico, mas também na perspectiva do conhecimento sobre algo, portanto, sobre a memória e a narrativa relacionada à experiência cotidiana e a identidade. O território é movimento porque vai surgindo, sempre de forma imprecisa porque está situado no contexto de tensões e provocações entre agentes individuais ou coletivos que se esforçam em imprimir suas fronteiras. O território, portanto, só pode ser entendido no contexto da territorialização e da desterritorialização, ao mesmo tempo.

Para Deleuze (1997) não há território sem um vetor de saída dele. Isso quer dizer que, ao falar do território e seu vernáculo, pensando no desejo pela definição do patrimônio cultural, a investida na territorialização deve ser entendida como uma agência do desejo sobre o território e sua identidade, a partir de uma potência. Estimulado pela filosofia do movimento deleuziano, não se deseja um patrimônio cultural que identifica o lugar, mas um conjunto de elementos que se relaciona com a ideia de como deve ser o lugar, a posição, o interesse e, portanto, a imagem que está “ao redor” do “ser” desejado e o reforça. A territorialização inclui a desterritorialização que não precisa ganhar destaque e independência na análise, já que está contida no processo de busca do território desejado.

A tentativa de apreender o patrimônio cultural presente no espaço urbano através de fotografia deve-se ao reconhecimento do potencial imagético capaz de proporcionar inúmeras possibilidades interpretativas, evidenciando uma infinidade de afetos que possuem potência própria. Com a fotografia, cada indivíduo tem a percepção da paisagem a seu modo, sendo capaz de captar, com todos os sentidos, minúcias de uma cena, algo imperceptível a outro observador.

“[...] toda imagem é uma memória de memórias, um grande jardim de arquivos declaradamente vivos. Mais do que isso: uma ‘sobrevivência’, uma ‘supervivência’ [...]”. Essa constatação feita por Samain (2010, p. 23) é essencial para o entendimento da temática abordada. Acredita-se nessa proposição, uma vez que revisitar o passado é obter algo guardado como um tesouro para a compreensão do hoje.

Nesse caso, a fotografia não é uma expressão fiel do observado, mas um conceito que provoca e coloca em movimento o projeto de conhecimento de quem vê a imagem. O olhar também exerce uma função vital para a interpretação dessa arte, uma vez que ela se encontra repleta de informações. Somente um olhar acurado pode detectar detalhes da paisagem.

As fotografias representam a realidade vivida, a realidade selecionada, o olhar do indivíduo sobre algo. As informações contidas nas fotografias podem ter diferentes finalidades, mas, de uma forma geral, expressam informações sociais e/ou ambientais, além de provocar no observador diferentes reações (NASCIMENTO, R. A.; STEINKE, V. A. . 2018, p. 29).

As imagens apresentam as transformações efetivadas na cidade ao longo de diferentes períodos. A paisagem na dimensão cultural prioriza o conhecimento sob a ótica da subjetividade. Uma leitura imagética da paisagem na dimensão espaço-temporal privilegia a reflexão crítica dos diferentes momentos pelos quais a sociedade vivenciou.

A paisagem é fruto de uma evolução [...]. As mutações da paisagem podem ser simplesmente ilustradas por uma série de fotografias tiradas de um mesmo ponto de vista, como certos inventários praticados de maneira sistemática. Esta cronologia de imagens mostra as mutações progressivas ou as mudanças radicais, mas que de certa maneira sugerem questionamentos. Neste sentido, elas constituem uma alavanca didática particularmente eficaz (LE DU, 2001, p. 34). apud PUNTEL, 2012, p. 232).

Surge o seguinte questionamento: Quais provocações sobre a paisagem do patrimônio cultural no aspecto ideológico, na percepção sobre o habitat, a histórica, os problemas sociais, dentre outros aspectos, a imagem e sua produção promovem nos interlocutores da pesquisa e na pesquisadora?

Pensando nesses aspectos, o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar a paisagem do patrimônio cultural urbano de Sobral em uma perspectiva imagética, detectando as ações dos diversos protagonistas, suas interações e dinamismo capazes de moldar o espaço habitado através de suas manifestações culturais.

Esse objetivo geral leva aos seguintes objetivos específicos:

- Aprender a paisagem do patrimônio cultural sobralense a partir da utilização de fotografias para a compreensão de processos urbanos contemporâneos pautados no desejo individual;

- Identificar na paisagem sobralense as “dez versões da mesma cena” apregoadas por Meinig (2002), concebendo-a como ‘natureza, habitat, artefato, sistema, problema, riqueza, ideologia, história, lugar e estética’; levando em consideração a percepção e a produção imagética sobre o patrimônio cultural por parte de estudantes do ensino médio e da pesquisadora.

O foco aqui, portanto, é a forma como o corpo individual, especialmente do (a) jovem que vive na cidade em diferentes regiões do espaço urbano, a partir da imagem técnica criada pela fotografia, pode fomentar a imaginação para criação de novas imagens mentais da cidade fomentando a paisagem. A justificativa para a escolha de jovens estudantes da cidade se deve ao fato de estarem sempre transitando em vias urbanas e a facilidade de produção de imagens de diferentes pontos de Sobral, além da fácil adesão à cultura visual.

Trata-se de uma pesquisa crítica, atuante e conscientizadora. É isso que se pretende ao analisar a paisagem sobralense, observando as transformações do espaço pela cultura, a partir da utilização de registro fotográfico, objetivando apreender a cidade através dos sentidos, uma vez que somente o olhar não é capaz de abarcar todas as nuances envolvidas no processo imagético.

A dimensão cultural prioriza o conhecimento sob a ótica da subjetividade e conduz à investigação complexa do sensível. Uma leitura imagética e sensorial da paisagem privilegia a reflexão crítica da realidade vivenciada pelos indivíduos na contemporaneidade.

A tentativa de apreender o urbano através de fotografia deve-se ao reconhecimento do potencial imagético capaz de evidenciar uma infinidade de linguagens. Ao propor leituras de imagens pretende-se contribuir com o saber geográfico que abarca diversas possibilidades interpretativas. A fotografia tem relações com agências humanas e não humanas na concepção do que se quer mostrar, sendo fonte de comunicação para discutir a paisagem.

Essa proposta, fruto de uma investigação criteriosa e aprofundada, fornecerá um vasto acervo fotográfico para moradores, visitantes, pesquisadores e demais interessados. A confecção de atlas ilustrado disponibilizado ao final da pesquisa servirá de embasamento para a posteridade.

METODOLOGIA

A proposta é entender a pesquisa, não mais como uma ação de produção de conhecimento que estabelece hierarquias rígidas entre o sujeito produtor do conhecimento e o “objeto”. De fato, a paisagem sobre o patrimônio cultural do ponto de vista geográfico é resultante de agências de subjetivação da experiência cotidiana de diferentes indivíduos que se relacionam na cidade. A paisagem e suas dinâmicas são produzidas por pessoas que possuem desejos e promovem ações que significam as espacialidades e territorializam o urbano. Para isso, produzem metodologias próprias nesse esforço de territorializar a cidade, pautadas em conceitos e categorias que aprendem culturalmente.

Nesse sentido, pensando em territorialização da cidade e suas concepções, nos esforços de seus moradores, entende-se que a produção do conhecimento sobre a paisagem deve ser feita de forma compartilhada. Pesquisados (as) e pesquisador (a) produzindo juntos. No caso desta proposta, a opção foi pelo uso da imagem técnica, especificamente a fotografia, como método mediador de diálogo na busca pela compreensão e interpretação da paisagem e do patrimônio cultural.

Usa-se um método de intervenção cedido da pedagogia, para implementação de estratégias educacionais e a instituição de ensino como lugar ideal para a produção e leitura de fotografias. As escolas escolhidas são de ensino médio: Dr João Ribeiro Ramos e Professor Luiz Felipe, localizadas nos bairros Centro e Junco, respectivamente. Elas recebem discentes de diferentes partes da cidade, especialmente da periferia. A adesão dos jovens à cultura visual e redes sociais propiciou a participação na pesquisa.

A atividade está fundamentada na idealização do educador Paulo Freire intitulada Círculos de Cultura, cuja proposta consiste na valorização da autonomia e na criticidade do educando, tendo o diálogo como princípio norteador e a ação como experiência significativa para a produção do conhecimento. Trata-se da linha pedagógica freiriana, democrática e comprometida com o protagonismo na eliminação da fragmentação do saber.

Ocorreu uma experiência in loco que propiciou a captura de aspectos tangíveis e intangíveis da paisagem através de um olhar contemplativo à sociedade e à natureza, observando a transformação do espaço pela cultura.

REFERENCIAL TEÓRICO

São tecidas algumas considerações a cerca das dez versões de paisagem propostas pelo renomado geógrafo Meinig (2002):

A concepção “paisagem como natureza” evidencia a insignificância do ser humano diante do potencial majestoso do universo que tudo transforma e seduz. Nada se compara à sua presença criadora manifestada na superfície terrestre. Como não ficar encantado diante de tanta beleza presente nas florestas, mares, serras e rios ou não se inebriar com o perfume das flores?

Para alguns pode ser algo ingênuo, principalmente o homem moderno que vive repleto de afazeres e não contempla a natureza em toda a sua grandiosidade, mas para aqueles que têm um olhar contemplativo, isso é benéfico à saúde física e mental. Uma imersão em áreas verdes melhora a qualidade de vida.

Entender a paisagem como natureza é ser capaz de contemplá-la, engrandecê-la por sua imponência e fascínio. O céu, o horizonte, o sol, as águas, as plantações, os pássaros e outros seres vivos são exemplos dessa preciosidade. Os adeptos dessa visão concebem a harmonia do homem / mulher com a natureza como algo benéfico que remete aos primórdios da criação.

Compreender a “paisagem como habitat” é fazer da Terra um refúgio ideal. Sabe-se que essa versão não se sustenta, visto que há devastação, aquecimento global, intempéries ocasionadas, em parte, pela ganância desenfreada da humanidade. A globalização com todo o aparato tecnológico destrói as reservas naturais e compromete a vida no planeta. Trata-se de uma pseudoingenuidade ou discurso ideológico para justificar os desajustes e agressões ao ambiente, intensificados pela ação humana.

A visão “paisagem como artefato” apresenta a natureza como algo à disposição do ser humano considerado um criador capaz de interferir na superfície terrestre e impactá-la com suas ações. Exalta o seu poder nas transformações terrenas, visto que se apossa da natureza, segundo suas aspirações e necessidades, evidenciando inúmeras criações ao impor sua marca nas diversas manifestações artísticas e culturais. Há os que acreditam e exaltam essa concepção e também os que criticam as modificações nefastas do homem / mulher na natureza. Sabe-se que os recursos naturais são finitos e urge uma conscientização em prol da sustentabilidade ambiental.

São evidentes as marcas impressas na paisagem pelo homem / mulher cuja cultura contribui com a sociedade ao imprimir seu legado nos artefatos concebidos. Esses objetos trazem a intervenção na natureza, modificando-a. A dicotomia paisagem natural versus paisagem cultural torna-se inviável, uma vez que na cidade inteira há evidências da criação humana. A modernidade trouxe inúmeras possibilidades de obtenção de produtos, em

contrapartida, extraem-se os recursos naturais como se fossem infinitos. Essa avidez pela tecnologia traz consequências catastróficas à natureza.

Ao observar, atentamente, as modificações implementadas no urbano como construções, artefatos e outras engenharias constata-se um verdadeiro contraste com o que se vê na paisagem natural. Fruto de experiências individuais ou grupais, utilizando variados recursos tecnológicos para obtenção de lucro, conforto, satisfação de necessidades ou prestígio social, o ser humano incrementa o entorno, demonstrando sua capacidade inventiva.

Os adeptos da concepção “paisagem como sistema” apregoam a interconexão de tudo o que existe na terra e encontra-se à disposição do ser humano, esse ser capaz de interferir no ciclo da vida, visto possuir saberes racionais e científicos postos a serviço das modificações almejadas por ele.

Os que concebem a “paisagem como problema” não ficam insensíveis às mazelas da sociedade, mas ao detectar danos, lutam por melhorias para os desfavorecidos. São capazes de aliar consciência política e mobilizar poder público a fim de reverter esses entraves.

A visão “paisagem como riqueza” é orientada para a economia de mercado. Há aqueles que veem a especulação como uma forma de conquistar bens materiais e buscam avidamente algo para lucrar, mesmo que isso impacte na vida do semelhante ou cause devastação dos recursos naturais.

O poderio das elites está impregnado nas paisagens, uma vez que essa hegemonia dita as relações sociais, políticas, culturais, religiosas e econômicas. Os dominantes, com seu discurso ideológico persuasivo, manipulam a sociedade. Isso se evidencia nos elementos paisagísticos tais como edificações, monumentos e adequações do espaço. As classes favorecidas possuem mecanismos para se ajustarem de acordo com seus intentos, obtendo prestígio social.

A concepção “paisagem como ideologia” ultrapassa a materialidade ao preocupar-se com o filosófico. O desafio enfrentado pelo cientista consiste em refletir, repensar como determinados temas interferem na geografia. Evidencia-se a presença do aparato ideológico recheado de interesses políticos, econômicos e sociais, dando visibilidade a determinadas culturas e inviabilizando outras.

A visão “Paisagem como história” consiste em buscar datação para determinados itens do passado, crendo que a acumulação é um processo imprescindível para a compreensão do presente. A paisagem reflete a sociedade e o contexto histórico é capaz de fornecer resultados precisos quando alguns dados são interpretados.

Claval (2004) mostra a paisagem como símbolo de afetividade ao mencionar que algumas construções merecem mais destaque do que outras e devem ser preservadas, pois são consideradas patrimônios por inúmeras razões: simbolizarem o poder civil ou religioso; denotarem sacralidade entre outras. Ele reforça que as construções são planejadas com uma visão de futuro imbricada de interesses, ideologias e expectativas.

Na visão “paisagem como lugar”, o ambiente é apreendido por todos os sentidos e torna-se ímpar, capaz de despertar o interesse, o bem-estar, interferindo na vida humana. É algo singelo sentir tanta afeição por determinado lugar, mas esse é o diferencial, entre tantos há uma particularidade que o distingue dos demais.

Reconhecer a versão “paisagem como estética” consiste em apreciar o belo. O artista, com seus dons, propicia essa visão. Seja na pintura, desenho ou outra obra de arte apresenta a natureza e as intervenções humanas na paisagem, condicionadas ao observador, no entanto, percebem-se manobras que visam apresentar apenas o belo, descartando algo pouco atraente. Isso gera uma ilusão, pois camufla a realidade.

Jaques (2005, p. 16) esclarece o termo ‘espetacularização das cidades contemporâneas’ como “uma diminuição da participação popular, mas também da própria experiência física urbana enquanto prática cotidiana, estética ou artística, exemplificada aqui pelo histórico das errâncias urbanas”.

Trata-se de prática deliberada de gestores para intervir na estética da cidade e atrair olhares para o sensacional, o magnífico das áreas centrais revitalizadas, relegando porções menos nobres ao esquecimento e desvalorização. Esse cenário transformado quer ostentar arte e beleza ao satisfazer o ego de uma elite descomprometida com a população carente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2023, a pesquisadora e também algumas turmas de alunos do ensino médio das duas escolas públicas da sede do município a saber: Dr. João Ribeiro Ramos e Professor Luís Felipe foram a campo fotografar a paisagem cultural, a partir da categorização de Meinig (2002) concebendo a paisagem como: ‘natureza, habitat, artefato, sistema, problema, riqueza, ideologia, história, lugar e estética’.

Apresenta-se uma imagem de alunos da Escola de Ensino Médio Dr. João Ribeiro Ramos durante atividade solicitada, na pesquisa (figura 1).



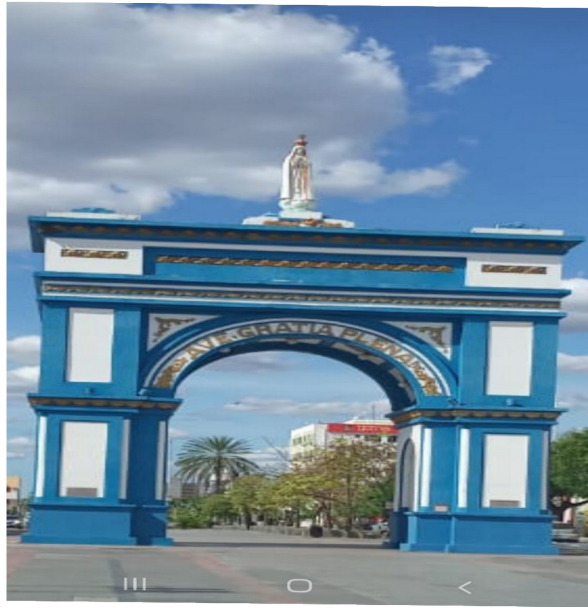
Fonte: Escola Dr. João Ribeiro Ramos (2023)

Figura 1 - Alunos da Escola de Ensino Médio Dr. João Ribeiro Ramos analisando imagens da paisagem sobralense e fornecendo suas impressões sobre elas.

A proposta consiste na composição de narrativas visuais sobre o patrimônio cultural a partir de fotografias produzidas, visto tratarem-se de territorialização do espaço, na busca de definição do lugar. empregando-se o método de leitura de imagens, a fim de interpretar a paisagem cultural sobralense, detectando sensações, ideias, sentimentos, simbologias e sentido de pertencimento. Almeja-se o envolvimento de cerca de 100 alunos.

Vai haver uma culminância para apreciação do material obtido. Pode-se afirmar que todos os órgãos dos sentidos são imprescindíveis na captação de cenas urbanas. Esse procedimento promoverá o compartilhamento de vasto acervo fotográfico e visa proteger a memória da cidade.

Conforme as “Dez versões da mesma cena” propostas por Meinig (2002), são apresentadas as percepções da pesquisadora e de estudantes do ensino médio das escolas Dr. João Ribeiro Ramos e Professor Luís Felipe, respectivamente, sobre a sede de Sobral (figuras 2, 3 e 4).



Fonte: Mirtes Barbosa (2023)

Figura 2 - Paisagem sobralense segundo a pesquisadora ao concebê-la como artefato, história, lugar e estética.

Trata-se de uma cena deslumbrante, principalmente para católicos que podem vislumbrar o Arco de Nossa Senhora de Fátima e meditar sobre a expressão latina “Ave Gratia Plena” – “Ave Cheia de Graça”. É gratificante contemplar a imagem Virgem Maria no Boulevard , além de apreciar o belo e nutrir sentimento de pertencimento à cidade. Cabe empatia e tolerância religiosa a fim de construir uma cultura de paz.

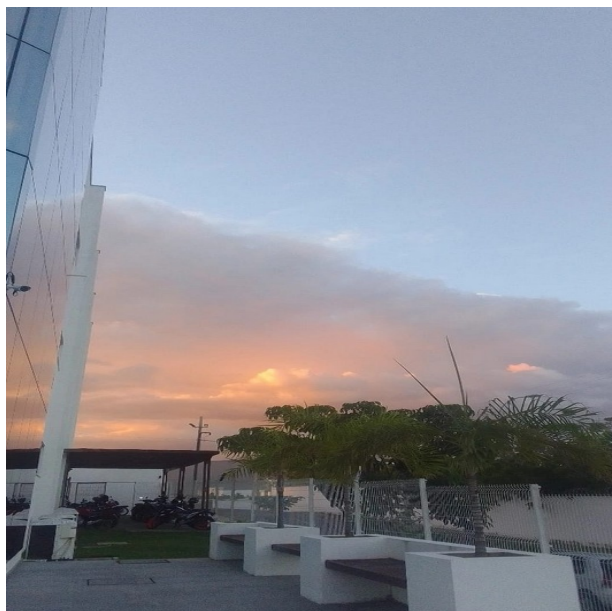


Fonte: Discente da Escola Dr. João Ribeiro Ramos (2023)

Figura 3 - Percepção da Paisagem Sobralense por estudante da Escola de Ensino Médio Dr. João Ribeiro Ramos.

Texto produzido por essa discente, expondo a visão dela sobre a “paisagem como problema”:

O silêncio agora é preenchido pelos moradores das ruas que aparecem e fazem dos lugares suas moradias e seus espaços. A calçada do Banco vira casa, vira varal de roupas.



Fonte: Estudante da Escola de Ensino Médio Professor Luís Felipe (2023)

Figura 4 - Paisagem sobralense segundo discente da Escola de Ensino Médio Professor Luís Felipe

Texto na íntegra produzido por esse (a) estudante, expondo a visão dele (a) sobre a “paisagem como natureza”:

tava saindo do icetel (sobral net) quando encontrei esse lindo pôr do sol num finzinho de tarde de meio de semana e achei lindo pra bater uma foto pra deixar registrado na galeria (sic).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobral tem um papel imprescindível na história brasileira oficial, visto que é tombada como patrimônio histórico nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, desde 2000. Urge aguçar os sentidos, percebendo o contexto cultural urbano e desvelar realidades distintas e contradições que são peculiares a uma cidade complexa e multifacetada, detentora de um patrimônio cultural cuja construção não

consensual é resultante da territorialização por parte de seus moradores. confirmando-se as hipóteses levantadas no projeto inicial.

As paisagens representadas nas fotografias apesar de serem de uma cidade específica, com suas singularidades, trazem algo comum a outros centros urbanos como uma diversidade de objetos artificiais, fluxo intenso de veículos e transeuntes, exclusão social e a questão do lixo.

Espera-se que essa reflexão por meio de imagens contribua para o conhecimento e aguace o senso crítico a fim de que se possa pensar o patrimônio cultural como plural e expressão das tensões e contradições da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008. 98 p.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In. **Paisagens, Textos e Identidade**. CORRÊA, R. L. ; ROSENDAHL, Z. (Org.) Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004, p. 13 – 74.

CORRÊA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano In: Corrêa, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 167 – 186.

DANTAS, Vera Lúcia; LINHARES, Ângela Maria Bessa. Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **II Caderno de Educação Popular em Saúde** – Brasília : Ministério da Saúde, 2014, p. 73 -77.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Suely Rolnik. Editora 34, Rio de Janeiro: V. 2. 1997.

HAESBAERT, Rogério e BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **Revista GEOgraphia**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: V. 4, 2002.

JACQUES, Paula Berenstein. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. Caminhos alternativos à espetacularização das cidades. **ARQTEXTO** (UFRGS) , Porto Alegre, 2005, p. 16-25.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**. UERJ, Rio de Janeiro: N. 13, p. 35-46, jan/jun. 2002.

NASCIMENTO, R. A. do; STEINKE, V. A. **Apontamentos entre paisagem e fotografia na Geografia**. R. Ra' e Ga. Curitiba: v. 44, p. 21 – 35 mai/2018.

PUNTEL Geovane Aparecida. O estudo da paisagem no ensino fundamental e médio. In: **Paisagem: leitura, significados e transformações**. Organizado por Roberto Verdum... {et. al.} - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p. 229- 239.

SAMAIN, Etienne. **As imagens não são bolas de sinuca**. Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2010.